

INEXISTÊNCIAS

A BOCA DA VERDADE

Fora-lhe um pai sem dentes. Sem dentes que lhe cravassem com força suficiente as marcas da interdição ancestral (fizeram-se necessárias paternidades adotivas); sem dentes que se lhe abrissem em expressões de acolhimento (para esses não existiram dublês). Mas sem dentes, sobretudo, porque mineralmente desdentado o era desde a juventude. A contenção da doença infecciosa havia sido a causa de terem arrancado um a um, ó boticão interiorano, os trinta e dois dentes de suas arcadas antes peroladas (que resistiam num retrato). Dos caninos aos incisivos, dos molares aos pré-molares, deixaram-lhe oca a boca, numa rima de gengivas órfãs a escarnecer-lhe a beleza que não demoraria a fugir. Como era belo o seu pai quando jovem! Um galã, diziam as tias, e de cinema, o clichê enfatizado nos traços mediterrâneos. Sobreviera-lhe, porém, a doença inominada em família (periodontite, decerto) e, assim, se fora a dentição original. Restou-lhe usar a postiça.

De dentaduras substitutas, exige-se que sejam simulacros perfeitos, requerem-se mordidas firmes, esperam-se sorrisos largos, antígiocondos. Não era o que ocorria com a prótese de seu pai. Falta de ajuste, escassez de cola ou, então, gengivas pouco aderentes teimavam em afirmar-lhe a natureza artesanal. E volta e meia ali estava ela, a dentadura, a projetar-se da boca carnuda, ainda mais alva no contraste com a pele azeitonada. Não havia ortodontista capaz de fixá-la a contento, embora seja duvidoso que o portador tivesse buscado tantos assim. Pois agora lhe pesava também a maldição familiar da depressão e da neurose. Impossível saber se existia alguma relação de causa e efeito entre a extinção dentária e o afloramento dos joios psíquicos. Seja como for, aos olhos dos circunstantes, parecia haver nexos — se não determinante, complementar.

A artificialidade da dentadura não impediu seu dono de colecionar belas namoradas, entre as quais a filha do dono de restaurante italiano com quem viria a casar-se. É porque até aquele momento ele insistia em segurar o conjunto solto em sua boca. Uma vez casado, porém, a compostura foi deixada de lado. Adotou o hábito de mastigar os dentes postícos diante de todos — a princípio, inadvertida-

mente; depois, em obediência à sua compulsão de também destruir-se frente ao mundo, num arco que abrangia desde a provocação doméstica até a aniquilação de sua imagem profissional (era advogado).

Para o filho, a dentadura mastigada — e, num passo seguinte, arreganhada para fora da boca, a mandíbula do tubarão na iminência de avançar sobre a presa — foi, primeiro, motivo de terror. (Houvesse a referência mitológica na infância, seria a de Cronos pronto a devorar a cria.) Na adolescência, ao terror substituíram-se o nojo, a repulsa, o asco — e a vergonha. Menos em sonhos. Neles, o pai-esquilo continuava a persegui-lo, os dentes exteriorizados numa risada muda, os olhos assassinos fechados pela membrana protetora na hora do bote emasculador (tarde demais, o filho viria a saber: a tradução onírica da castração que lhe fora negada e cujo simbolismo se dissolve em realidade).

A vergonha filial ultrapassou a juventude e bateu à porta da maturidade, quando seu pai, isolado na cegueira e viuvez, deixou de ser estigma e virou apenas obrigação. Obrigação de ser visto a cada quinze dias, de ser deparado na senilidade exasperadora e tranquilizadora (porque longe dos olhos do mundo), de ser transportado a hospitais, ora anêmico, ora

enfartado, ora roufenho de pneumonias. Ele já não mastigava mais a dentadura — era mastigado por ela. E a dentadura, autônoma, emergia às vezes, como a rir-se da velhice triste de seu hospedeiro.

Por fim, o câncer. No internamento de oxigênios urgentes, impôs-se a retirada da dentadura. Entre as máscaras de plástico que se alternavam conforme a precisão, ele vislumbrava, sempre aberta, a boca edentada do xenartro em forma ainda humana, seu pai. Murcha, com os lábios revirados para o interior escuro, ela também conferia ao doente a expressão de beatitude e idiotia dos macilentos dos últimos dias. Mas não era de santos descarnados, a similitude. Onde tinha visto coisa parecida?

À medida que seu pai definhava, alargava-se a cavidade bucal e desenhava-se a lembrança. Sim, agora estava nítido. Havia sido em Roma: a Boca da Verdade. No tampo de esgoto do império antigo, afixado numa parede externa da Igreja de Santa Maria in Cosmedin, um artesão talhara a figura monstruosa, docemente monstruosa, em cuja boca aberta e desdentada a lenda fazia decepar as mãos dos mentirosos ali enfiadas. Sobreveio-lhe a vontade de enfiar sua mão na boca paterna. Mas que verdade poderia advir do ato insano? Ou que mentira? A verdade de que amara seu pai? A mentira de que amara seu pai?

Um mês depois, o velho morreu. Fecharam-lhe a boca no sorriso composto dos defuntos, e houve quem visse a beleza da juventude ressurgir no rosto quase sem sulcos graças à herança mediterrânea. Na morgue do hospital, o filho assistiu a um funcionário do serviço funerário emoldurar com flores o corpo de seu pai (estranha profissão: fazia-o até com esmero). Realizado o trabalho, o caixão foi levado ao salão onde ocorreria o velório. Na morgue vazia, sobre a mesa em que até havia pouco jazia o cadáver, sobrara um saco plástico. Dentro, a dentadura paterna. Fora impossível colocá-la na boca do morto, que se enrijecera rápido demais, segundo a explicação posterior da enfermeira. Por um instante, o filho pensou em enterrá-la com o pai. Poderia escondê-la sob as flores, ninguém veria... Não, não era digno. O melhor era levar a dentadura para casa e encerrá-la numa gaveta.

Com o saco plástico na mão direita, encaminhou-se para a saída, resolutivo. Estacou diante da lixeira ao lado da porta. Destampada, ela oferecia-se em seu truísmo.

E a boca escancarada engoliu a dentadura.